

Cristiane Saueressig

**SAÚDE DO TRABALHADOR NAS PONTAS DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE  
(SUS): INTERVENÇÃO COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Saúde do Trabalhador, da Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, para a obtenção do título de Especialista em Saúde do Trabalhador.

Prof.<sup>a</sup> Ms. Karine Vanessa Perez  
Orientadora

SANTA CRUZ DO SUL – RS

2016

## SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	03
2-METODOLOGIA.....	04
3-RESULTADO E DISCUSSÃO.....	05
4-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	11
ANEXO-PROJETO DE PESQUISA.....	13

## 1-INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendemos mostrar algumas considerações a respeito da relação entre trabalho e saúde dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) , do município de Santa Cruz do Sul/RS, a partir do referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho (PdT). (DEJOURS,1994)

Iniciada por Dejours, esta corrente teórica se embasa na descrição e conhecimento do sujeito com a organização do trabalho, possibilitando, assim, superar a ótica reducionista de que somente o indivíduo seria o responsável pelas consequências de seu adoecimento pelo trabalho. A PdT deu visibilidade a forma como o trabalho está organizado enfatizando que tal organização é determinante na ligação entre saúde/doença e trabalho. Dejours (1992) enfoca que o aumento do sofrimento mental é diretamente proporcional a diminuição da liberdade de organização do trabalho.

Frente a isto buscamos compreender como o cotidiano de trabalho se relaciona ao sofrimento psíquico destes trabalhadores. Há muito temos observado a necessidade de escuta e um espaço de discussão, reflexão sobre o cotidiano laboral dos ACS, uma vez que percebeu-se a busca dos mesmos para atendimento psicológico junto a Unidade Municipal de Referência em Saúde do Trabalhador (UMREST) . Assim, a psicologia, como tantas outras áreas da saúde, ocupa-se de estudar e pesquisar sobre a influência do trabalho no adoecimento psíquico, bem como das estratégias defensivas, coletivas e individuais para lidar com este cenário de adversidades e discriminação.

Ao longo dos anos as transformações no mundo do trabalho solicitam o acompanhamento dos trabalhadores, uma vez que, conforme Seligmann Silva (2011), elas acontecem, também, nas relações sociais de diferentes contextos: político, econômico e sociocultural. Das relações sociais que sofreram mudanças históricas, da escravidão até os dias atuais, a instabilidade e o subemprego são fatores explorados pela relação força/ capital e que geram desgastes psicofísicos e sociais de risco elevado a saúde mental dos trabalhadores. Mudanças iminentes na atual configuração do vínculo empregatício dos ACS, uma vez que deverão ser todos (as) concursados (as), ocasionam desconforto e um clima de insegurança, que se ampara a falta de reconhecimento do seu trabalho. Na organização do trabalho, a condição de residir na mesma área de atuação associada as condições de trabalho são fontes que acarretam em uma sobrecarga do labor. Somado a isto está o estereótipo assistencialista, vários papéis desempenhado pela mulher na sociedade, que são maioria no cargo de Agente Comunitário de Saúde e, ainda, o sentido do trabalho como importantes fatores geradores de distúrbios psíquicos.

Assim, consideramos que, da mesma forma que alguns ACS se perceberam frente a uma situação de trabalho geradora de adoecimento e sofrimento e conseguiram buscar apoio, hajam outros tantos trabalhadores (as) com as mesmas necessidades de escuta para refletir sobre a relação de sofrimento/trabalho. Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao processo de trabalho de escuta desses profissionais, o qual envolve uma demanda de fatores psicológicos da comunidade e que necessita ter um sentido para, conseqüentemente, poder haver reconhecimento próprio e da comunidade.

Deste modo, a figura do ACS, frente ao trabalho em saúde, se faz de extrema relevância a medida que são cuidadores(as) e que para desempenharem suas funções com mais qualidade e saúde precisam ser cuidados (as). E, na objetividade de compreender como o cotidiano de trabalho dos (as) ACS se relaciona ao sofrimento psíquico dos mesmos, buscamos proporcionar condições para reflexão acerca de si mesmos (as) e de suas práticas, bem como de haver espaço para escuta e fala destes trabalhadores (as).

## **2-METODOLOGIA**

O presente estudo, de natureza qualitativa, investigou como se dá a relação do trabalho com a saúde das Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), do município de Santa Cruz do Sul/RS, a partir dos referenciais teóricos da Psicodinâmica do Trabalho (PdT). Com a metodologia da PdT criou-se um espaço de discussão e reflexão, em que os trabalhadores expunham seus sentimentos e opiniões sobre o contexto do trabalho, os quais são, muitas vezes, desencadeadores de sofrimento. A partir deste espaço de fala e escuta do trabalhadores refletimos sobre o sentido do trabalho e como este se dá no cotidiano. O foco de interesse se dá pela fala verbal do trabalhador, no grupo, possibilitando dar um sentido ao trabalho, a partir de questões coletivas .

A pesquisa de campo/exploratório, desenvolvida a partir da realização de grupos da PDT com os ACS, proporcionou uma discussão livre com a presença da pesquisadora. Isto é, criou-se um grupo de ACS, para maior aproximação com as informações e conhecimentos dos sujeitos da pesquisa, que se consistiu na observação dos fatos, porém com objetivos preestabelecidos. Para isso foram realizados oito encontros, com duração de aproximadamente três horas, entre os meses de abril e maio de 2016. Durante os encontros, trabalhou-se questões de natureza subjetiva, organizacional, de gênero, social, econômica e cultural. Também discutiu-se sobre outros assuntos que emergiram a partir das necessidades do grupo.

A realização da pesquisa se deu junto ao Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da região do vales do Rio Pardo, Taquari e Jacuí (CEREST/VALES), devido a melhores condições estruturais e de acústica, promovendo melhor conforto e cumprimento ao sigilo profissional.

Participaram deste estudo dez ACS, com idades entre vinte e cinquenta e cinco anos, sendo um do sexo masculino e o restante do sexo feminino, com diferentes vínculos empregatícios e diferentes tempo de serviço. Os sujeitos da pesquisa são trabalhadores(as) vinculados a Secretaria Municipal de Saúde (SMS), alfabetizados, com exigência de possuírem o ensino fundamental completo, residir na área da comunidade em que atuam e terem concluído, com aproveitamento, o curso introdutório de formação inicial e continuada para poderem executar atividades de prevenção e promoção em saúde, através do âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). O critério de seleção utilizado foi o sorteio, havendo uma exclusão, espontânea, por motivos de conflito interpessoal.

De posse da Carta de Aceite, pela coordenação do Programa de Agentes Comunitárias de Saúde (PACS) e submissão do projeto a análise do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)- deu-se início aos encontros de grupo. Aos participantes foi esclarecido os objetivos e método da pesquisa, bem como informados dos seus direitos ao participar da pesquisa, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE ) assinado por todos os integrantes do grupo.

### **3-RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O presente estudo trás os dados coletados no grupo, transcritos e analisados a partir da análise do discurso da PDT, que recomenda a compreensão dos dados a partir da fala dos trabalhadores e de grupos de reflexão, sobre as considerações a respeito de como se dá a relação entre sofrimento psíquico e o cotidiano de trabalho dos ACS. Iniciaremos com a ponderação a respeito da condição de residirem na comunidade que trabalham e dela se tornarem “reféns” para a execução de seu trabalho. Sendo que nesta configuração encontram-se, também, a organização e as condições de trabalho. Em subsequência, analisaremos os dados referentes ao esteriótipo assistencialista, que gera um sentido ao trabalho; a sobrecarga de trabalho, os vários papéis da mulher na sociedade e a relação interpessoal como fatores de risco para sofrimento psíquico relacionado ao trabalho.

Na proposta de atenção básica à saúde, o ACS é o personagem de destaque e o elo entre a comunidade e as ações de saúde, isto é, referência de troca de saberes popular

e médico-científico, além de ser o único trabalhador a ter como requisito, para o exercício da atividade, residir na área em que atua. Esta organização do trabalho, em que o ACS é simultaneamente agente e morador, segundo Nunes et al (2002), citado por Jardim & Lancman (2009), pode ser geradora de sofrimento e adoecimento mental, pois o trabalho se alicerça no contato direto e ininterrupto com a comunidade baseando-se na confiança e na intimidade mútuas, podendo chegar ao ponto de haver um controle social sobre a vida particular dos ACS. Como exemplo, os ACS citam o fato de que a qualquer momento do dia ou da noite são acionados ou procurados para prestar atenção a comunidade, sem limites aos seus direitos ao descanso, privacidade e intimidade familiar.

Para Jardim & Lancman (2009), o trabalho do ACS se estrutura em uma relação de credibilidade com a comunidade, a qual se encontra fortemente associada a resolutividade. Esta credibilidade é construída e reconstruída num processo que envolve intimidade e confiança para que se possa executar o trabalho. Da mesma forma, o ACS acaba produzindo uma relação peculiar com os moradores de sua área de atuação e moradia, o que, por vezes, gera certa confusão de papéis relativos ao ACS trabalhador e, ao mesmo tempo, morador. Muitos usuários passam a entender a relação de trabalho como de amizade, o que ocasiona a sensação de compartilhar da privacidade do ACS, sem considerar isso como uma invasão. Segundo estes autores, por se tornarem depositários dos anseios da comunidade, anseios estes de resolutividade e assistencialismo, os ACS desenvolvem insuficientemente seu trabalho prescrito (de agente educador) o que acarreta em um trabalho real para além de suas atribuições. Ou seja, algumas das solicitações por resolutividade não se encontra ao alcance dos ACS, ficando dependente do sistema de saúde.

A questão da resolutividade faz parte da origem histórica do ACS, conforme Rosa (2012), quando em 1987 iniciaram com a profissão para dar conta de uma epidemia de cólera no nordeste brasileiro e passaram a entender que seu papel era de resolver os problemas. Este estereótipo se disseminou e “contaminou” outras regiões, tão ou mais devastadas pela precariedade na saúde, e influenciou fortemente o papel a ser desempenhado.

Nessa visão, o trabalho prescrito e o trabalho real passam a se confrontar e acarretam em uma sobrecarga de trabalho, pois sentem-se na obrigação de corresponder aos dois papéis (DEJOURS,1992). O grupo se reporta ao modelo profissional de ACS como aquele que está sempre disposto a ajudar os outros e a dar conta da demanda. Como consequência, por não terem correspondido a demanda de resolutividade, a comunidade não percebe o trabalho prescrito (de educador) do ACS como produtivo,

nem como trabalho, passando a desconsiderá-lo e não reconhecê-lo no seu cotidiano. Esse não reconhecimento é um dos aspectos geradores de sofrimento psíquico, pois conforme Seligmann-Silva (1997) a identidade está intimamente ligada a identidade profissional, sendo que a mesma pode ou não promover o reconhecimento social. Já para Dejours (2004), citado por Cremonese et al (2013), a retribuição simbólica advindo do reconhecimento resulta poder de transformação do sofrimento em prazer.

Verificamos na análise dos dados que os Agentes revelam-se em sofrimento quando seu trabalho não tem resolutividade, sendo que para tal é preciso corresponder a uma demanda assistencialista. No transcorrer dos depoimentos, os ACS trazem o quanto atender a demanda por assistencialismo trás sentido para o seu fazer profissional e, portanto, prazer no trabalho. Tanto que chegam ao ponto de não saberem como lidar, ou reconhecer, como trabalho, outra forma de realizar seu labor. Esta percepção se confirma quando dizem que ao entregar uma receita, ou agendar uma consulta o trabalho passa a ter sentido e a gerar satisfação e prazer. Da mesma forma, os ACS mantêm a mesma relação, baseada na resolutividade e assistencialismo, com a gestão. No entanto, isso ocorre com o intuito de obter reconhecimento e sensação de seguridade empregatícia. Sobre isso trazem a demanda de organização festiva, participação em reuniões de última hora, contagem de cachorros na sua região de atuação, cobrança por metas e produção.

Trabalhar na sua própria área de residência exige manter uma relação de proximidade e envolvimento com as famílias, as pessoas, que acaba por transpor os problemas de forma a haver uma identificação com tais problemas. Quando em sua fala trazem que orientam a comunidade a viver mais em família, a abraçar e a elogiar os familiares, porém dão-se conta de que em seu próprio ambiente familiar não costumam ter essas atitudes. Com um envolvimento amparado pelo assistencialismo e a resolutividade, acabam por ter uma sobrecarga de trabalho que precisa dar conta do que está além de sua responsabilidade. Criando, assim, uma relação de sofrimento e prazer com o trabalho, pois a medida que correspondem a demanda da comunidade retratam o sentido do trabalho e o prazer no labor. Enquanto que, em relação a gestão, o sentido do trabalho, de ser o sustento de si e da família, corresponde a demanda da relação capital x trabalho. Esta relação com o trabalho estabelece uma troca entre o trabalho assistencialista e a aceitação e o reconhecimento do labor, tanto pela comunidade, quanto pela gestão. Tais solicitações do trabalho requerem o desenvolvimento de estratégias defensivas para lidarem com o sofrimento.

A respeito disso, Dejours (1992) refere que as estratégias defensivas visam modificar e transformar a percepção dos trabalhadores sobre sua realidade de

sofrimento, sendo que podem ser tanto individuais, quanto coletivas. Embora funcionem de forma estritamente mental e sem a modificação da realidade do problema, tornam-se regras duradouras até quando for de interesse individual e/ou coletivo. Do grupo percebe-se uma estratégia coletiva, a medida que é usada por todos do grupo, sendo estas o deslocamento, a projeção e a proteção contra a violência. No deslocamento, segundo Kaplan & Sadock (1993), há uma transferência de emoções do objeto original para outro que tenha menor intensidade psíquica. Na prática, os ACS transferem a família suas angústias e preocupações, o que acarreta, algumas vezes, situações de conflito intrafamiliar. Já em relação a projeção, os mesmos autores explicam que são impulsos ou desejos inaceitáveis no sujeito, porém depositados no outro, com intuito de amenizar o seu sofrimento. Podemos apurar essa projeção quando referem “ver” no outro, um familiar ou a si próprio. Tais estratégias são vivenciadas coletivamente num processo de identificação, que aparece nos discursos, principalmente, em relação a organização do trabalho. Sob este aspecto outra estratégia coletiva a ser praticada diz respeito a sua proteção em relação a violência. Buscam unir-se em duplas para que “espantem” o medo e sintam-se mais seguros (as) ao fazer seu trabalho nos ambientes de alta periculosidade. Mais uma vez o trabalho prescrito precisa ser burlado para poder lidar com um dado de realidade, que é desconsiderado nos requisitos da profissão, mas, pode ser um empecilho para execução da tarefa a ser prestada.

Ainda sobre o assistencialismo, referem que culturalmente ao realizarem o trabalho real, em prol do prescrito, estão fadados a sempre ter de fazê-lo, caso contrário correm o risco de serem ignorados e desmerecidos pela comunidade. Nessa perspectiva voltam a trabalhar pela demanda da população e da gestão para poderem dar sentido ao seu fazer profissional. Sentido esse que o trabalho trás na medida que garante o sustento e posição social, correspondendo a demanda capital x trabalho.

Das metamorfoses nas configurações do mundo do trabalho, Antunes (2005) faz referência a dialética que se apresenta na contemporaneidade do trabalho ao comentar sobre a alienação que vive o trabalhador quando seu labor assume seu sustento e não mais a condição para sua existência. Como consequência há a desrealização do ser social, que quanto mais valores cria, menos dignidade e validade tem, dada a falta de sentido ao trabalho. Antunes (2005, p.70) cita :” [...] sob o capitalismo, o trabalhador não se satisfaz no trabalho, mas se degrada; não se reconhece, mas se nega.” Acrescenta que, se o trabalho possui sentido até mesmo o ócio poderá humanizar e emancipar o ser social que o processo do capital aliena. O desafio está em compreender essa nova morfologia do trabalho, regida pelo capital, em que tanto o laço de formalidade, como de informalidade, seguem uma conversão de gerar mais-valor, sem a preocupação de que



sejam atividades intelectuais ou manuais. (ANTUNES, 2004). Desta maneira, a nova morfologia do trabalho amplia o labor invisível, mas ao mesmo tempo gera novos mecanismos de valor e acaba se utilizando de novos e velhos mecanismos de intensificação e/ou exploração do trabalho. Nisso percebemos o velho mecanismo assistencialista excessivamente sendo utilizado para dar sentido ao trabalho. Enquanto que o trabalho prescrito passa despercebido, invisível perante a comunidade .

Ainda sobre a sustentabilidade, Antunes (2005) descreve que a atual classe trabalhadora, século XXI, é fragmentada, heterogênea e diversificada, em que se constata a perda de direitos e sentidos do trabalho, devido a força destrutiva do capital. O que percebemos é que os direitos ao descanso, lazer, cumprimento do que, apenas, é acordado ficam comprometidos em prol da manutenção do sustento e status social, que são “privilégios” concedidos pelo capital. Por outro lado, surge a instabilidade no emprego como mais um agravo que repercute na saúde dos ACS. Nas atuais conjunturas, o município de Santa Cruz do Sul, reorganizou o vínculo empregatício dos ACS, substituindo os atuais contratados por pessoal concursado. Nesse processo é desconhecido o momento do desligamento. Tal situação provoca um clima de instabilidade e insegurança no grupo, que refere preocupação com a demissão, uma vez que se deparam com a atual crise financeira e a discriminação quanto a idade. Sendo assim, percebe-se a atual configuração do mundo do trabalho se mostra fragmentada, discriminatória e estratificada pelo processo do capital.

Desta maneira, promovendo uma reflexão sobre o processo de trabalho , proposta pela (PdT), alcançamos e mostramos a importância do trabalhador poder apropriar-se do seu trabalho, mas também do sentido que dá ao mesmo, a fim de que o labor se torne fonte de saúde e prazer.

Dentre os fatores levantados pela pesquisa surgiu também o papel da mulher na contemporaneidade. A mulher no papel de esposa, mãe, amiga é reconhecida na mulher profissional ACS, pois ambos os papéis desenvolvem-se a partir do cuidar. Nesse processo, as nove mulheres integrantes do grupo, encontram-se identificadas com algumas situações da comunidade e assistem a ela como se fosse um familiar. Tal processo pode favorecer o vínculo, mas também ser desencadeador de sofrimento, pois passam a sofrer pelo outro, o que gera dor, angústia e ansiedade. Nesse sentido vivenciam um sofrimento a medida que precisam se desafiar e superar a barreira cultural a respeito do papel da mulher na sociedade.

Quanto a ansiedade, Dejours (1992) acrescenta que, entre os vários tipos de ansiedade e suas relações com o trabalho, aquela relativa a degradação do organismo resulta do risco iminente sobre a saúde física. “ [...] nas condições de trabalho é o corpo

que recebe o impacto, enquanto que na organização do trabalho o alvo é o funcionamento mental.” (p.78) Nesse sentido, estando as atuais configurações do trabalho organizadas e sob condições que envolvem residir na área de labor, diferenças significativas de idade, de vínculo empregatício, instabilidade social e econômica, influência cultural sobre o papel de ser mulher, entre outros, a ansiedade se apodera da mulher desejante não deixando “espaço” para seu discurso ou manifestação e como estratégia defensiva deslocam seus sentimentos para seu meio familiar. Frente a esta situação Merlo (2014, p.18) acrescenta que “As pessoas pensam não apenas durante o tempo de trabalho, mas elas levam isso para casa. Assim, elas envenenam a sua vida e a existência de sua família, de seu cônjuge, de seus filhos.”

A respeito das relações interpessoais, no trabalho, os Agentes dizem vivenciar um ótimo vínculo e aceitação com a coordenação e entre o grupo que se formou a partir deste estudo. Merlo (2014) se refere a relação com o trabalho ser formada na relação com o outro e que a expectativa se centra no reconhecimento do seu trabalho pelo outro, nesse processo as pessoas trabalham pelo reconhecimento, que ocasiona um impacto psicológico ligado a uma percepção de habilidade que lhe permite apropriação da qualidade do seu trabalho. Acrescenta, ainda, que nesse reconhecimento o indivíduo se transforma através do olhar do outro e da sociedade como alguém que cresce, se desenvolve, avança. Sobre isso cita: “[...] pelo reconhecimento do outro, aquela pessoa adquire um status melhor do que o que tinha antes.” (p.18). No entanto, ao relatarem preocupação com a visão de saúde, priorizada pela quantidade, veem seu trabalho comprometido, uma vez que lidam diretamente com a qualidade. O que acarreta numa percepção de menos valia e de não reconhecimento. Citam o exemplo das visitas domiciliares, que demandam tempo, atenção ao usuário e estratégias de ação, as quais não são mensuráveis. Esta visão sobre saúde pode comprometer o trabalho prestado na comunidade e desencadear sofrimento aos ACS, pois seu trabalho de comprometimento e dedicação ficam prejudicados e sem sentido.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Perante a análise dos dados coletados durante o estudo da pesquisa, com foco na compreensão de como se dá a relação entre o trabalho e o sofrimento psíquico dos ACS, nos remetemos a uma constituição de fatores relacionados ao tema.

Entendemos que a organização do trabalho é um fator envolvido no adoecimento/saúde dos trabalhadores, pois dependendo do seu arranjo poderá limitar a capacidade de criação e pensar do trabalhador, o que está intimamente ligado ao adoecimento psí-

quico, como também, o inverso poderá ser fonte de prazer e satisfação. Nesse pensamento, com apoio da PdT, verificou-se várias formas de adversidades, como: o requisito de residir na área de atuação, as diferenças entre trabalho prescrito (educador) x trabalho real (assistencialista), o não reconhecimento profissional, a mescla do papel da mulher na contemporaneidade com o papel de Agente Comunitária de saúde. Sendo estas considerações geradoras de sofrimento psíquico relacionadas ao trabalho.

Podemos compreender que, diante da carga psíquica resultante da relação com o trabalho, o ACS necessita desenvolver estratégias defensivas para lidar com o binômio sofrimento/prazer no trabalho. Tais estratégias refletem uma peculiaridade e uma coletividade construída para consentir o cumprimento do seu dever. Concomitantemente são ações que podem transformar ou amenizar a dor da realidade vivida no trabalho. No entanto, para isso, a sequência desses encontros são solicitados e referidos como espaço de troca, apoio e reflexão de seus fazeres profissionais, os quais, em grupo, ficam fortalecidos, revigorados e tem surtido efeitos terapêuticos, na medida que ocasionaram uma reorganização intrapsíquica de alguns membros e, no coletivo, mostram este espaço como uma estratégia para lidar com o sofrimento e re-significar o trabalho.

Considerando os ACS como profissionais da ponta Sistema Único de Saúde, que por sua importância para a comunidade e para a saúde pública, necessitam de um olhar para sua saúde mental, é que recomendamos o prosseguimento desse suporte psicológico ao grupo, como apoio psíquico frente as adversidades das transformações do mundo do trabalho, bem como, a sugestão de formação de outros grupos, seguindo este viés.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ANTUNES,R.; ALVES,G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. Educ. Soc. Campinas, n.87, p.335-351, maio/ago.2004.

ANTUNES, Ricardo L.C. O caracol e sua concha: ensaios soe a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

CREMONESE, G. R.; MOTTA,R. F.; TRAESEL, E. S. Implicações do trabalho na saúde mental dos Agentes Comunitários de Saúde. Caderno de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v16, n2, p.279-293, dez. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172013000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172013000200010&lng=pt&nrm=iso)>.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho/ Christopher Dejourn; tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. – 5.ed. ampliada– São Paulo: Cortez – Oboré,1992.

\_\_\_\_\_. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho / Christophe Dejours, Elisabeth Abdoucheli, Christian Jayet: coordenação Maria Irene Stocco Betiol:/tradutores Maria Irene Stocco Betiol.../ et al. São Paulo: Atlas, 1994.

JARDIM, T. de A.; LANCMAN, S. Aspectos subjetivos do morar e trabalhar na mesma comunidade: a realidade vivenciada pelo agente comunitário de saúde. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v13, n 28, p.259-268, jan/fev. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832009000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000100011)

KAPLAN, H .I.; SADOCK, B.J. Compêndio de Psiquiatria: Ciências Comportamentais – Psiquiatria Clínica. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MERLO, A.R.C. (Org.). Atenção à Saúde Mental do Trabalhador: sofrimento e transtornos relacionados ao trabalho. Porto Alegre: Evangraf, 2104.

ROSA, A.J.; BONFANTI, A., L.; CARVALHO, C. de S. O sofrimento psíquico de Agentes Comunitários de Saúde e suas relações com o trabalho. Saúde e Soc., São Paulo, v21, n1, p.141-152, 2012. Disponível em : [www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/14.pdf](http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/14.pdf)

SELIGMANN - SILVA. Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

**ANEXO – PROJETO DE PESQUISA**

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO TRABALHADOR

CRISTIANE SAUERESSIG

**“SAÚDE DO TRABALHADOR NAS PONTAS DO SUS”**

Cristiane Saueressig

“SAÚDE DO TRABALHADOR NAS PONTAS DO SUS”

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós – Graduação  
Lato Sensu- Especialização em Saúde do Trabalhador Linha de  
Pesquisa em Saúde Mental e Trabalho – Universidade de Santa Cruz  
do SUL – UNISC

Profª. Ms. Karine Vanessa Perez  
Orientadora

Santa Cruz do Sul  
2016

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>20</b>
	<b>3.1 OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>20.</b>
	<b>3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
	<b>4.1 Tipo de Pesquisa.....</b>	<b>21</b>
	<b>4.2 Sujeito.....</b>	<b>21</b>
	<b>4.3 Critérios de Seleção.....</b>	<b>21</b>
	<b>4.4 Procedimento.....</b>	<b>21</b>
	<b>4.4.1 Grupo de Psicologia.....</b>	<b>21</b>
	<b>4.5 Tratamento Estatístico.....</b>	<b>21</b>
	<b>4.6 Divulgação dos Resultados.....</b>	<b>22</b>
	<b>4.7 O local da Pesquisa.....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>CRONOGRAMA.....</b>	<b>23</b>
<b>6</b>	<b>ORÇAMENTO.....</b>	<b>24</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA.....</b>	<b>25</b>
<b>8</b>	<b>ANEXOS.....</b>	<b>26</b>
	<b>ANEXO A – Carta de Aceite da Coordenação Programa Agentes Comunitárias de Saúde (PACS)- Santa Cruz do Sul .....</b>	<b>26.</b>
	<b>ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>27</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente projeto se propõe a investigar a relação entre trabalho e saúde dos agentes comunitários de saúde (ACS) do município de Santa Cruz do Sul/RS. A realização da pesquisa se dará junto ao Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da região do vales do Rio Pardo, Taquari e Jacuí (CEREST/VALES), devido a melhores condições estruturais e de acústica, promovendo melhor conforto e cumprimento ao sigilo profissional.

Há muito temos observado a necessidade de haver um espaço de discussão e reflexão sobre o cotidiano laboral desses(as) trabalhadores(as), uma vez que a demanda por atendimento psicológico dos mesmos aumentou nos últimos tempos dentro do serviço de atenção prestado pela Unidade Municipal de Referência em Saúde do Trabalhador de Santa Cruz do Sul/RS (UMREST/SCS). A psicologia, entre tantas outras áreas da saúde, tem se ocupado de estudar e pesquisar sobre a influência do trabalho no adoecimento psíquico, bem como das estratégias defensivas, coletivas e individuais, para lidar com este cenário de adversidades e discriminação. Por isso precisamos proporcionar uma escuta desses (as) trabalhadores (as) para conseguirmos compreender o seguinte: como o cotidiano de trabalho se relaciona ao sofrimento psíquico dos Agentes Comunitários de Saúde? Algumas hipóteses levantadas são: o despreparo técnico, a falta de reconhecimento financeiro e/ou profissional, condições de trabalho, organização do trabalho, interferências políticas, sociais, econômicas, ou, ainda, a instabilidade na vinculação empregatícia.

Tendo em vista que o objetivo, principal, é de compreender como se dá essa relação, bem como promover espaços de reflexão, fala e escuta dos ACS; discutir o processo de trabalho na ótica da relação saúde/trabalho e desenvolver ações de promoção e prevenção em Saúde do Trabalhador.

Ao longo dos anos as transformações no mundo do trabalho solicitam o acompanhamento dos trabalhadores, uma vez que, conforme Seligmann Silva (2011), elas acontecem, também, nas relações sociais de diferentes contextos: político, econômico e sociocultural. Das relações sociais que sofreram mudanças históricas, da escravidão até os dias atuais, a instabilidade e o subemprego são fatores explorados pela relação força/capital e que geram desgastes psicofísicos e sociais de risco elevado à saúde mental dos trabalhadores. Mudanças iminentes na configuração do vínculo empregatício, uma vez que todas ACS deverão ser concursadas, poderá ocasionar um desconforto e um clima de insegurança entre os (as) trabalhadores (as). Conforme o Ministério da Saúde (2002), a organização e as condições de trabalho são importantes fatores que podem gerar distúrbios psíquicos, os quais podem passar desapercibidos ou de forma aguda. Assim, aqueles trabalhadores que se perceberam frente a uma situação de trabalho geradora de adoecimento e sofrimento e conseguiram buscar apoio, há, ainda, quem esteja necessitando de escuta para refletir sobre a relação de sofrimento/trabalho. Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao processo de trabalho de escuta desses profissionais, o qual envolve uma demanda de fatores psicológicos da comunidade e que necessita ter um sentido para, conseqüentemente, poder haver reconhecimento próprio e da comunidade.

Assim, a figura do ACS, frente ao trabalho em saúde, se faz de extrema relevância a medida que são cuidadores(as) e que para desempenharem suas funções com mais qualidade e saúde precisam ser cuidados.



## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Pensando o trabalho das ACS como cuidado a saúde mental dos usuários do SUS, as mesmas precisam de um espaço para que possam refletir sobre suas ações e, assim, promover um autocuidado sobre sua própria saúde mental, uma vez que o trabalho poderá contribuir para seu sofrimento psíquico. Para Merlo (2014) com frequência os serviços de saúde não percebem a relação da queixa com o trabalho, pois não há, nem mesmo, alguma interrogação a respeito. Nesse sentido, as ACS encontram-se nesse contexto, pois apresentam uma sobrecarga de trabalho associada a uma sintomatologia laboral, no entanto, quando buscam por atendimento não encontram o nexo com o trabalho. A respeito dessas dificuldades em fazer o nexo causal, Merlo (2014), aponta como causas: a complexidade dos distúrbios mentais, dificuldades na realização do diagnóstico diferencial e o desafio ao diagnóstico clínico e etiológico. Todos estes como consequência das várias transformações do mundo do trabalho.

Das metamorfoses nas configurações do mundo do trabalho, Antunes (2005) faz referência a dialética que se apresenta na contemporaneidade do trabalho ao comentar sobre a alienação que vive o trabalhador quando seu labor assume seu sustento e não mais a condição para sua existência. Como consequência há a desrealização do ser social, que quanto mais valores cria, menos dignidade e validade tem, dada a falta de sentido ao trabalho. Para Antunes (2005), "(...) sob o capitalismo, o trabalhador não se satisfaz no trabalho, mas se degrada; não se reconhece, mas se nega." (p. 70). Referenciando o mesmo autor, se o trabalho possui sentido até mesmo o ócio poderá humanizar e emancipar o ser social que o processo do capital aliena. E nesta nova morfologia do trabalho precisamos compreender que o trabalhador produtivo é o alvo principal do processo capital, mas que tanto aquele que produz, quanto aquele que não produz para o capital, encontram-se imbricados numa dialética do trabalho.

O desafio está em compreender essa nova morfologia do trabalho, regida pelo capital, em que tanto o laço de formalidade, como de informalidade, seguem uma conversão de gerar mais-valor, sem a preocupação de que sejam atividades intelectuais ou manuais. (ANTUNES, 2014). Desta maneira, a nova morfologia do trabalho amplia o trabalho invisível, mas ao mesmo tempo gera novos mecanismos de valor e acaba se utilizando de novos e velhos mecanismos de intensificação e/ou exploração do trabalho. Esta invisibilidade é o que Antunes (2014) levanta como hipótese fenomenológica para ampliação da classe de trabalhadores que se submetem a serviços temporários, instabilidade no emprego, sem carteira assinada, entre outras.

Ainda sobre a dialética (mais produção/menos valia) do trabalho, os programas de qualidade total convertem-se num mecanismo gerador do descartável, o qual assegura a reprodução ampliada do capital. Isto é, quanto mais qualidade, menos tempo de duração. Esta maneira atual do trabalho se compor estabelece um verdadeiro processo de retroalimentação, que precisa muito da força de trabalho ainda mais complexa e multifuncional.

Diante deste movimento dialético o trabalhador desenvolve o que, segundo Dejours (1994), chama de ideologias defensivas, ou seja, mecanismos de defesa desencadeados com a finalidade de lidar com o sofrimento provocado pelo trabalho. Desta forma, a doença (através do corpo) é ignorada e mantida longe de si, para que possa continuar sendo um corpo que produz. Acrescenta-se, ainda, que esse corpo, que não mais prove o sustento, conduz o trabalhador a uma situação de pobreza e a condições de vida de uma periferia. Nessa relação com o corpo, o homem adoecido se esforça para manter-se em pé, fingindo estar saudável, em prol do seu sustento e de sua família. Nessa relação saúde/doença encontra-se, muitas vezes, o sofrimento psíquico e concomitantemente as defesas criadas para sua proteção mental. Conforme Dejours (1992), a vergonha, pelo corpo que não produz, passará a ser uma estratégia defensiva, porque o corpo só será aceito se produzir, caso contrário será ignorado. Nesse sentido, o homem ignora o corpo

que sofre, pois o meio concebe a doença como vagabundagem, para o sexo masculino. Enquanto que para as mulheres não é permitido adoecer, por conta dos filhos, tornando-se um desafio conviver com a doença. O subproletariado arrisca-se a viver na ignorância a ter de lidar com a miséria e a fome. Acrescenta, ainda que quando as defesas transcorrerem de forma individual, a medicalização poderá mascarar o sofrimento tornando-o desqualificado, sem importância.

Frente a necessidade de sustentabilidade, Antunes (2005) descreve que a atual classe trabalhadora, século XXI, é fragmentada, heterogênea e diversificada, em que se constata a perda de direitos e sentidos do trabalho, devido a força destrutiva do capital. O desemprego, subemprego fortalecem a exploração de homens e mulheres que se sustentam vendendo sua força de trabalho. Eis que esses trabalhadores constituem a classe trabalhadora que abrange a totalidade dos assalariados, os quais não tem meios de produção.

No texto, “As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital”, Antunes & Alves (2004), dizem que a diminuição do proletariado industrial, que se estruturava ao trabalho formal, vem diminuindo significativamente, enquanto os chamados terceirizados, subcontratados se expandem de forma globalizada. Tendo como consequência a expansão da precariedade do trabalho, fomentado pela sua parcialidade, informalidade e desemprego. Outra mudança de configuração do trabalho se refere ao aumento do trabalho feminino com um nível de remuneração inferior ao homem, bem como em relação aos direitos sociais e do trabalho. Este cenário sexista destina as mulheres trabalhos de menos qualificação. Junto as novas configurações estão, também, a exclusão do jovem e do idoso.

Ainda, paralelamente, tem-se usado o trabalho infantil em diversas atividades produtivas e o trabalho voluntário como alternativa compensatória ao desemprego estrutural. Isso é o que se chama o terceiro setor, o qual vem integrando trabalhos excluídos do mercado formal. Por outro lado, mesmo que de forma precária, torna-se uma nova opção para poder voltar a dar um sentido social e útil a esses trabalhadores. “O mundo do trabalho atual tem recusado os trabalhos herdeiros da “cultura fordista”, fortemente especializados, que são substituídos pelo trabalho “polivalente e multifuncional “ da era toyotista.” (ANTUNES; ALVES, p. 339). Enfim, a atual configuração do mundo do trabalho se mostra fragmentada, discriminatória e estratificada pelo processo do capital.

A escola Dejouriana entende que a investigação dos conflitos se da no encontro do sujeito, portador de uma história singular, com uma situação de trabalho, na maioria das vezes, fixada independentemente da vontade do sujeito. Isso implicaria numa dialética em que o homem transforma e é transformado pelo trabalho. E, portanto, as defesas e o sofrimento são os processos psíquicos mais estudados por esta abordagem, a medida que são explorados por quem determina a organização do trabalho. Seligmann Silva (2011) cita que “...a organização do trabalho, associada ou não às condições do ambiente físico, químico e biológico do trabalho, muitas vezes despreza as necessidades do corpo - em sua fisiologia e em sua integração psicossomática.”(p. 65) sendo, assim, um desencadeante do adoecimento. Porém, se o trabalhador se fizer valer da sublimação, postulada psicanalítico, que é uma defesa, gera sentido ao trabalho e conseqüentemente prazer. Em outras palavras poderíamos dizer que sublimação é o que transforma o ressentimento coletivo em algo que beneficie a todos, como, por exemplo, uma política implícita aos conflitos. Então, a psicodinâmica se volta a analisar os processos psíquicos através da percepção dos próprios trabalhadores e do sofrimento destes com a organização do trabalho. Muito diferente de outras concepções psicológicas que interpretavam os conflitos de trabalho como sendo complexos de Édipo, o sofrimento, para escola Dejouriana, pode conduzir a doença ou a criatividade. Quando o trabalhador cria estratégias para lidar com trabalho prescrito está se conduzindo pela criatividade.

Sobre Saúde Mental e Trabalho Merlo (2014), diz que o trabalhador busca o reconhecimento pelo trabalho como forma de manter sua saúde mental. Sendo que este reconhecimento é mais a nível simbólico, do que por via de bônus. Isto é, o reconhecimento que lhe permite apropriar-se do seu trabalho com a percepção de que foi útil e habilidoso para aquela tarefa. Acrescenta que tal reconhecimento influenciará na construção da identidade desse trabalhador.

Para Sato(2002), os vínculos que sustentam as relações são os mesmos que sustentam a criação de regras e norteiam a realização do trabalho. Criam-se , assim, ações adaptativas que visam adequar o cotidiano de trabalho as características subjetivas , sendo que tais regras podem divergir das regras criadas pelos planejadores hierárquicos. E a forma de organização da rotina de trabalho poderá desencadear o adoecimento do trabalhador, sendo o replanejamento uma maneira de prevenir determinados problemas de saúde, como: Lesões por Esforços Repetitivos/ Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/DORT), psicossomática, acidentes de trabalho. Pois neste replanejamento considera-se o saber e experiência do trabalhador , além de que o planejamento passa a ser negociado, onde se barganha o controle da organização do processo de trabalho.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

\* Compreender como o cotidiano de trabalho das ACS se relaciona ao sofrimento psíquico dessas trabalhadoras.

#### **3.2 ESPECÍFICOS**

- \* Discutir o processo de trabalho na ótica da relação saúde/trabalho
- \* Desenvolver ações de promoção e prevenção em saúde do trabalhador
- \* Promover espaços de reflexão , fala e escuta das ACS

#### **4. METODOLOGIA:**

O presente projeto visa investigar como se dá a relação do trabalho com a saúde, das Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), de Santa Cruz do Sul/RS, a partir dos referenciais teóricos da psicodinâmica do trabalho (PDT). Com a metodologia da PDT criaremos um espaço de discussão, em que os trabalhadores possam expor seus sentimentos e opiniões sobre o contexto do trabalho, os quais são, muitas vezes, desencadeadores de sofrimento.(DEJOURS,1992). A partir deste espaço de discussão poderemos refletir sobre, por exemplo: a criação do “jeitinho”, ou as ditas adaptações que o trabalhador (a) necessita fazer para dar conta do trabalho real. Com vistas a mostrar o sentido do que está aparecendo, através da escuta do trabalhador.

O foco de interesse se dá pela fala verbal do trabalhador, no grupo, possibilitando dar um sentido ao trabalho, a partir de questões coletivas.

##### **4.1 Tipo de pesquisa:**

A pesquisa será de campo/exploratório, para maior aproximação com das informações e conhecimentos do grupo sobre o problema da pesquisa e por consistir na observação dos fatos, porém com objetivos preestabelecidos para se coletar o que se busca. Para isso serão realizados oito encontros, com um grupo de ACS dos Programas de Estratégia de Saúde da Família (ESF) e Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) do município de Santa Cruz do Sul-RS.

##### **4.2 Sujeito:**

Participarão dessa pesquisa dez ACS, de ambos os sexos, diferentes idades, com diferentes vínculos empregatícios e diferentes tempo de serviço. Os sujeitos da pesquisa são trabalhadores(as) vinculados a Secretaria Municipal de Saúde (SMS), alfabetizados, porém sem exigência de grau técnico para executarem atividades de prevenção e promoção em saúde, através do âmbito do SUS.

##### **4.3 Critérios de seleção:**

Serão incluídos ACS que, após sorteio, aceitem livremente a participação na pesquisa. Sendo excluídos aqueles, que por ventura, não demonstrarem interesse por participar.

##### **4.4 Procedimento:**

Após obtenção da carta de aceite (ANEXO A), pela coordenação do Programa de Agentes Comunitárias de Saúde (PACS), o presente projeto será submetido a análise do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da UNISC. Posteriormente a sua aprovação, dar-se-á início aos encontros de grupo.

Aos participantes será esclarecido os objetivos e métodos da pesquisa, bem como deverão ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE (ANEXO B) será assinado em duas vias, em que uma fica aos cuidados dos integrantes e a outra com a pesquisadora. Ainda serão elucidadas eventuais dúvidas e serão informados do seu direito de desistir da pesquisa em qualquer momento. Subsequentemente se dará início aos encontros, num total de oito.

##### **4.4.1 Grupo de Psicologia:**

Cada encontro terá duração de aproximadamente três horas e será abordado a livre demanda do grupo. Podendo ter como recursos algumas dinâmicas grupais.

##### **4.5 Tratamento Estatístico**

A coleta de dados será feita a partir da fala das ACS, de forma qualitativa, ou seja, através da observação, relatos e história de vida.

**4.6 Divulgação dos resultados:**

Será divulgado os resultados no trabalho de conclusão (TCC) da Especialização em Saúde do Trabalhador, através de artigo científico, com possibilidade de publicação em ebook.

**4.7. O local da pesquisa:**

Acontecerá no auditório do CEREST/VALES por conter melhor estrutura e conforto, pois o espaço é amplo, iluminado, climatizado e informatizado. Bem como, por garantir a ética do sigilo.

**5. CRONOGRAMA**

Etapas	Março	Abril	Maio	Jun
Análise do CEP	X			
Encontros do Grupo		X	X	
Análise do Material		X	X	X
Entrega do TCC				X

**6. ORÇAMENTO**

Os custos com o café e bolacha serão custeados pelo CEREST/VALES, os materiais de consumo e a encadernação pela pesquisadora.

Eventuais usos de aparelhos eletrônicos, como: som, telão, projetor serão ofertados pelo CEREST/VALES

Materiais	Custos
Café (8)	R\$80,00
Cola (5)	R\$12,00
Tesoura (5)	R\$60,00
Lápis de Cor (5)	R\$60,00
Barbante (1)	R\$20,00
EVA (10)	R\$8,00
Têmpera (10)	R\$35,00
Encadernação (1)	R\$15,00
Custo Total	R\$290,00

---

Luis Henrique Paim  
Coordenador CEREST/VALES

Cristiane Saueressig  
Pesquisadora



## 7. REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

ANTUNES, Ricardo L.C. O caracol e sua concha: ensaios soe a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo,2005.

ANTUNES,R.;ALVES,G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. Educ. Soc. Campinas, n.87,p.335-351,maio/ago.2004.

BRASIL.Ministério da Saúde.Saúde do Trabalhador/Caderno de Atenção Básica.Brasília,n.05,2002.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho/ Christopher Dejours; tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. – 5.ed. ampliada– São Paulo: Cortez – Oboré,1992.

DEJOURS, Christophe. Psicodinâmica do trabalho:contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho / Christophe Dejours, Elisabeth Abdoucheli, Christian Jayet: coordenação Maria Irene Stocco Betiol:/tradutores Maria Irene Stocco Betiol.../ et al. São Paulo: Atlas, 1994.

MERLO, A. R. C.; BOTTEGA, C.G.; PEREZ, K.V. ( Orgs. ). Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho. Porto Alegre: Evangraf, 2014

SILVA, E. S. Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez,2011.

SATO, Leny. Prevenção de agravos à saúde do trabalhador: replanejando o trabalho através das negociações cotidianas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro,18(5):1147-1166, set-out,2002

**8-ANEXOS****Anexo A - CARTA DE ACEITE DA COORDENAÇÃO PROGRAMA AGENTES COMUNITARIAS DE SAUDE (PACS)– SANTA CRUZ DO SUL**

Santa Cruz do Sul, 10 de março de 2016.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNISC)

Prezados Senhores,

Declaramos para os devidos fins conhecer o protocolo de pesquisa intitulado: “Saúde do Trabalhador nas Pontas do SUS”, desenvolvido pelo(a) acadêmico(a) Cristiane Saueressig do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador, da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, sob a orientação do(a) professor(a) Karine Vanessa Perez, bem como os objetivos e a metodologia de pesquisa e autorizamos o desenvolvimento no(a) Centro Regional de Referência em Saúde do Trabalhador da região dos vales do Rio Pardo, Taquari e Jacui – CEREST/VALES.

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP/UNISC, conhecer e cumprir com a Resolução do CNS 466/12 e demais Resoluções Éticas Brasileiras. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária.

Atenciosamente:

\_\_\_\_\_  
NAIARA KOCH  
Coordenadora PACS

**ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
“SAÚDE DO TRABALHADOR NAS PONTAS DO SUS”**

Sob a nova lógica da atenção primária, surge o profissional Agente Comunitário de Saúde (ACS) para intermediar as ações de saúde entre usuários e equipe técnica. Esse novo modelo de atenção transforma e reorganiza o trabalho na atenção primária tornando-se relevante uma pesquisa que vise compreender como o cotidiano de trabalho se relaciona ao sofrimento psíquico das ACS.

O procedimento a ser adotado está na formação de grupo para promover um espaço de discussão sobre o fazer profissional no cotidiano do trabalho.

Por considerar os fenômenos que aconteçam durante o grupo como uma teia sistemática relacional é que informamos haver a possibilidade de risco de constrangimentos e/ou desconforto para o sujeito da pesquisa.

A partir da pesquisa busca-se beneficiar ao ACS levando ações de promoção e prevenção em Saúde do Trabalhador que possam reverter em uma melhor qualidade da organização e do processo de trabalho acarretando um melhor atendimento a comunidade.

Para a execução da pesquisa contamos com o patrocínio do Centro Regional de Referência em Saúde do Trabalhador da região dos Vales – CEREST/VALES.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- **da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;**
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é CRISTIANE SAUERESSIG (Fone 51-99331971).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável. O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: 051 3717 7680.

Data 10 / 03 / 2016

\_\_\_\_\_  
Nome do Paciente ou Voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura

